

Discurso lido durante o encontro Prazeres e Sertões, organizado pelo SER-TÃO, na UFG, em 12 de abril de 2011.

DE ONDA E GERAÇÕES: TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL NO FEMINISMO BRASILEIRO

Eliane Gonçalves

Não seria exagero afirmar que tudo o que sei eu devo ao feminismo ou pelo menos aquilo que me constitui de modo mais profundo e verdadeiro. Foi no feminismo, em muitas de suas metodologias revolucionárias, que travei contato comigo mesma tendo que enfrentar turbulências internas, crises de identidade, necessidade de posicionamento. É também através do feminismo que eu faço meu percurso acadêmico, que muitos insistem em separar da minha atividade militante.

É a primeira vez, desde 2008, quando li aqui nesta sala o meu memorial para o concurso de professora, que tenho a oportunidade de fazer uma fala que eu quero dar um tom pessoal. Estive em bancas, várias, em mesas redondas, mas hoje, vou apresentar um projeto de pesquisa que precisa ser contextualizado, talvez mesmo explicado. O título em si merece várias paradas. No curso da exposição as palavras vão se elucidando. Pretendo falar pouco, uma exposição breve e responder perguntas, se houver.

Queria possuir agora a inspiração de muitas das minhas companheiras, sei lá, propor algo criativo, inventivo, provocar, mas só possuo palavras e eu mesma.

Por que falar em transmissão intergeracional?

Porque há perguntas sendo feitas cujas respostas só podem ser dadas mediante um estudo criterioso, uma pesquisa.

Porque há indícios de coexistência de muitas vozes reivindicando presença em um movimento multifacetado, multigeracional, plural.

Porque estamos envelhecendo. Muitas de nós feministas que começamos nosso ativismo no início dos 1980 estamos às voltas com dificuldades para manter o mesmo grau de compromisso que requer tempo, dedicação, envolvimento, planejamento, presença. Não é necessário dizer que por volta dos 45/50 anos nossas vidas pessoais comportam mudanças em tantos planos que é impossível não dizer a todo momento “ quando éramos jovens...”, aos 20 e poucos a gente tem pique, vontade, destemor, o tempo não existe, só existe o presente e o futuro não é uma ameaça. É verdade que também “ser jovem” mudou em 30 anos. E muito. Também mudaram as prioridades, os rumos, os engajamentos. Então, é mais ou menos crucial querer responder a questões como essas que emergem das reflexões sobre gerações no feminismo. Nós feministas sempre fomos auto-críticas de nós mesmas, chamamo-

nos históricas, fósseis, dinossauras, se já temos mais de uma década. O que dirá 3 décadas! Rose Marie Muraro, hoje aos 80 anos, se autodefine como pré-arcaica, para explicar que não é nada moderno ou pós-moderno desejar a igualdade.

Porque é preciso saber se nomes que viraram ícones internacionais na teoria feminista (às vezes coincidindo com o ativismo também) ainda falam de coisas relevantes para as novas gerações de leitoras mais ou menos interessadas no feminismo.

Falamos em transmissão intergeracional para indagar sobre as possibilidades e limites da transmissão de um ideário – princípios, valores, metodologias, saberes, etc. – através do tempo.

Falamos em transmissão intergeracional também para refletir sobre os significados das ondas no feminismo, internacionalmente reconhecidas como três momentos que funcionam como divisores de águas na história do movimento. Vale ter em conta que esta periodização só faz sentido quando remetida aos seus contextos particulares: os países centrais da Europa, os EUA e algumas regiões da AL. Para a maior parte do mundo, o feminismo possui uma linha histórica distinta.

A primeira onda, que vai do final do século XIX ao fim da Segunda Guerra Mundial, quando o movimento experimenta um refluxo após as conquistas do direito ao voto em diversos países, inclusive o

Brasil¹, entre outras conquistas no campo legal. A segunda onda se inicia no final dos anos 1960, no rol dos movimentos de contracultura, quando, de fato, se produz uma tentativa de teorizar a opressão da mulher (Pinto, 2003; Rupp, 2002; Gonçalves, 2007). A partir dos anos 1980, emergem as teorias críticas à segunda onda e a categoria unificadora “mulher” perde terreno para a categoria gênero, demarcando fronteiras de classe, raça, sexualidade e localidade (Piscitelli, 2002; Simpson, 2005). Esta última fase constituiria uma imprecisa “terceira onda”, que oscila desde a emergência das teorias de gênero, para algumas, ao chamado “pós-feminismo”, para outras. Talvez neste ponto, fosse útil oferecer alguma definição ao que estou chamando de feminismo.

Não pretendendo nenhuma univocidade quanto aos seus significados, repito uma definição que utilizei na minha tese de doutorado que é de Mary Dietz:

O Feminismo é um movimento político e social, local e global, historicamente constituído com uma proposta emancipatória e um conteúdo normativo. Ele afirma um sujeito (mulheres), identifica um problema (a sujeição e objetificação das mulheres através de relações marcadas pelo gênero), e expressa vários objetivos (...) em nome de princípios específicos: igualdade, direitos, liberdade, autonomia, dignidade, auto-realização, reconhecimento, respeito, justiça (Dietz, 2003:399). Esse texto intitula-se “current controversies on feminist theory”

¹ No Brasil, o refluxo ocorre um pouco antes, com o início da ditadura de Getúlio Vargas em 1937 (Pinto, 2003 e 2010).

No contexto dessa multiplicidade interseccionada por diferentes marcadores identitários, tempos e espaços, a noção de “transmissão intergeracional” oferece, a princípio, mais desafios que soluções, dado o seu uso corrente em temáticas associadas à psicologia, biologia e sucessão familiar, muito atado à noção de idade e de herança. Separar o par idade/geração é uma das tarefas que uma pesquisa desta se impõe, uma vez que geração, ao menos quando se trata de movimentos sociais, não corresponde idealmente a idade. Ou seja, parte do problema é o cruzamento das gerações expresso em idades – jovens x maduras x velhas – mas há as gerações temporais e históricas de mulheres (e até mesmo homens) que se tornaram feministas em quando há muito já haviam passado dos 30, idade máxima ao que parece para que uma pessoa seja classificada como “jovem feminista”.

Retomando as gerações ou ondas, tendemos também a enfatizar as metáforas familiares ao falar em avós, mães e filhas: nossas avós feministas seriam aquelas que lutaram desde o século XIX até as primeiras décadas do século XX pelos direitos civis básicos – voto, trabalho pago, educação, propriedade – direitos que alçam os indivíduos à categoria de cidadãos. Esta é a primeira onda. Chamamos de mães as feministas que travaram batalhas em torno dos direitos da pessoa humana – liberdade, autonomia, autodeterminação – erguendo a voz contra a política e a ciência estabelecidas, contra a moral e a religião, contra algo que pode ser englobado numa rubrica chamada “cultura patriarcal” - termo prá lá de problemático epistemologicamente falando, mas cuja força retórica é indiscutível - e inventando slogans para sair às ruas

reivindicando prazer, saúde, não-violência, não exploração, não objetificação. Esta é a segunda onda, que foi responsável entre outras coisas pela beleza de sua metodologia, os grupos de consciência, seu palavreado, pela elegância de suas teorizações, pelas ousadias e desafios à ordem estabelecida. Nossa dívida com essas mulheres não tem preço. E cá estamos nós, as filhas, numa pouco reconhecida “terceira onda”, geração que mistura de tudo, até mesmo anti-feministas. Mas isso já é outra conversa, muito comprida...

Para nós das ciências sociais, a referência clássica é a sociologia do conhecimento de Karl Mannheim, num trabalho de 1929, no qual desenvolve uma teorização sobre as gerações. Vale dizer que eu estou nos primórdios das minhas leituras sobre geração. Até aqui tratei de conhecer o máximo possível de gênero e feminismo, estabelecendo conexões com raça e sexualidade. Por isso, a pesquisa ainda está verdinha!

Enquanto projeto de pesquisa talvez eu devesse pelo menos mencionar seus principais objetivos, métodos, etc. mas vou guardar isso caso alguém deseje saber.

Por ora é só. Obrigada.